

**REVISTA Nº 30****Ano 16 - junho de 1995 - p. 108-109**

## **Considerações sobre a teoria da sociedade**

**Nicolau Apóstolo Pitsica**

Professor e Doutorando em direito da UFSC

As descobertas da física, na primeira metade deste século XX, sem dúvida, transformaram radicalmente os conceitos de tempo, espaço e sujeito, daí emergindo uma nova visão do mundo.

Recorde-se que o modelo mecanicista do universo foi quem forneceu a sólida sustentação da filosofia natural, exaltada nestes três últimos séculos, desdobrando no âmago da geometria euclidiana todos os fenômenos desse mundo newtoniano. Conseqüentemente da base desse determinismo era que provinha a divisão cartesiana do EU e o MUNDO, determinante da racionalidade hegeliana e, depois, da crítica à razão pura kantiana.

Contudo, foi exatamente neste século XX que dentro da física moderna, a Teoria da Relatividade e a Teoria Quântica esfacelaram aqueles conceitos preexistentes, à luz dos novos domínios da ciência. Com efeito nos níveis subatômicos os objetos materiais, tidos como sólidos pela física clássica, modificam-se substancialmente, abdicando a forma para se constituírem apenas em ondas interconectadas. Descobriu-se que os átomos, que compõem a natureza sólida, curiosamente consistem quase integralmente de espaços vazios, com reduzidíssima massa distribuída no núcleo e nos elétrons, interligados por uma natureza ondulatória energética. Macroscopicamente um átomo equivaleria ao estádio do Maracanã com o seu núcleo da dimensão de uma bola de futebol, sobre ela se movendo os elétrons determinantes das suas propriedades químicas. Portanto, qualquer matéria sólida, constituída de número inconcebível de átomos comprimidos, será sempre um espaço vazio quanto a distribuição da sua massa.

A relação entre SUJEITO e OBJETO, ou melhor, entre o eu e o mundo, assim, não mais poderá ser efetivada sob a ótica antiga. Com efeito, sendo a filosofia o amor ao entendimento crítico e à cosmovisão, aquela relação SUJEITO-OBJETO passou a ser veementemente questionada; como contestada a sociedade organizada dentro de padrões e óticas humanas.

Acrescente-se que, com o advento da cibernética, a Teoria da Comunicação e a Teoria da Evolução não mais falavam em objetos, mas em distinções. isto é, da própria diferença de si mesma. Como dizem Luhmann e De Giorgi, uma distinção que nos permite interpretar a diferença entre SISTEMA e AMBIENTE, com sua ESTRUTURA e sua própria COMUNICAÇÃO.

Importante frisar, portanto, que a sociedade não vive, apenas detém auto-dinâmica ativando sua transformação constante. Aliás, o conceito de "vida" já se encontra substancialmente atualizado. Quem vive é o ser biológico e, mesmo assim, diferentemente de seu próprio corpo que, após a morte ainda mantém "vida" para crescer seus cabelos e barba. Com efeito, não é o ser humano quem determinou as transformações da sociedade, mas a dinâmica desse sistema que a faz EVOLUIR. Deste modo, a Teoria da Sociedade somente aceita os pressupostos da tese evolucionista, e não as suas conclusões que servem apenas para a teoria biológica. A Teoria da Sociedade, deste modo, passa a admitir a EVOLUÇÃO como a realização de improbabilidades, através de um processo que se realiza sem que se possa prever.

Pela teoria da Sociedade, também conhecida como Teoria Sistêmica a EVOLUÇÃO e a transformação da ESTRUTURA que possibilita a transformação no interior do seu próprio SISTEMA, de forma "autopiética", por si mesma. Então só a diferença entre SISTEMA-AMBIENTE faz possível a EVOLUÇÃO; sem ela o sistema encontra seu fim face ausência da DINÂMICA e pela inércia.

A autonomia da teoria da EVOLUÇÃO, pois, consiste na autonomia das DISTINÇÕES com que esta opera. Apoiado em argumentos lógicos, o darwinismo demonstrou que a evolução orgânica se processa por si própria, naturalmente. Era o caso dos pássaros centilhões das Ilhas Galápagos, no Pacífico, distantes mil quilômetros do Equador; cujas aves antepassadas, provindas do continente teriam alcançado o arquipélago em ilhas diferentes por conta própria, ensejando modificações peculiares em cada uma. As EVOLUÇÕES foram se acentuando com a ação do tempo, até que finalmente tornaram-se espécie DIFERENTES. Pela seleção das mais aptas se originavam sucessivas gerações portadoras de VARIAÇÕES úteis, cada qual acrescentando caracteres pouco aparentes, mas determinantes do seu êxito final.

Assim foi que no final do século passado as idéias de Weismann ensejaram o ultradarwinismo, atualizando o neodarwinismo ao aceitar a EVOLUÇÃO e a SELEÇÃO sem a participação dos meios secundários sobre a ação do meio. É o que ocorreu com a evolução modificativa dos seres Humanos. No homem a respiração branquial não é utilizada, mas o embrião humano apresenta bolsas branquiárias e até cauda que se encurta e desaparece com o seu desenvolvimento. Ademais, longe está o embrião humano de se assemelhar com a sua forma adulta. Manifesta, deste modo, a EVOLUÇÃO ocorrida em sucessivas mudanças, arquivando-se apenas a forma de origem ao meio preexistente.

Por isso Luhmann e De Giorgi, de forma expressa, recordam que a partir de Darwin é que se passou a falar em VARIAÇÕES e SELEÇÃO. Todavia, ambos alertam que a SELEÇÃO atua como arma de dois gumes - a primeira enquanto age seletivamente, processando as divergências e a segunda quando passa a proteger a própria seleção. Por isso entendem de falar em REESTABILIZAÇÃO nesta segunda fase, ulterior, da seleção.

Em Florianópolis, De Giorgi enfatizou que a sociedade não vive, mas mesmo assim plausível aplicar-se-lhe a Teoria Evolucionista. Se confrontada a Sociedade grega clássica com a brasileira atual constatar-se-á DIFERENÇAS = em seus sistemas políticos; nos sistemas econômicos; nos sistemas jurídicos; etc, etc. A EVOLUÇÃO então, somente ocorreu ENTRE SISTEMAS e o AMBIENTE e não entre os seres humanos e a sociedade. O homem helênico era exatamente como o homem brasileiro de hoje (andava, comia, pensava, trabalhava, etc). A sociedade se transformou apenas internamente e independentemente do AMBIENTE, no qual se encontravam os homens.

Então resta indagar = quais os mecanismos que possibilitam a transformação ou essa evolução da sociedade? A Teoria Sistêmica, entendendo que a sociedade não é estática, se utiliza da TEORIA DA EVOLUÇÃO em sua concepção neodarwinista para obter a resposta; não tendo visa (conforme conceito biológico) a sociedade possui uma auto-dinâmica própria, que se manifesta em mecanismo da EVOLUÇÃO, VARIAÇÃO, SELEÇÃO e REESTABILIZAÇÃO.

Aduzindo, resta reafirmar como equivocado visualizar a sociedade de dentro para fora, tendo como marco o próprio ser humano. Assim como nos primórdios entendia-se o universo geocêntrico, decorrendo enormes choques para a admissibilidade do conceito heliocentrismo; de igual modo, a sociedade deve ser vista e analisada de fora para dentro. Com essa postura, posicionamento e visualização, emergirão naturalmente os postulados científicos dessa nova e atual Teoria da Sociedade.

